

Queimaram-se:

Dora Maar, ou Cabeça de Mulher de Pablo Picasso, o mais celebrado dos pintores modernos, tinha 40 centímetros por 26 e retratava Dora Maar, uma das amantes do pintor durante o período em que viveu em Paris. Foi comprado em 1952, à própria retratada. Dos dois quadros perdidos de Picasso, este, pintado em 1941, era o mais valioso.

Cabeça Cubista, de Picasso (1881-1973), foi pintado em 1909. Tinha 63 cm por 53 e foi doado ao Museu de Arte Moderna pela Companhia de Seguros Sul-America e pelo Banco Lar Brasileiro, que o compraram em Nova Iorque. Esteve exposto há cerca de três meses.

Mulher Chorando, de Candido Portinari (1903-1962). Era a melhor obra que o acervo do Museu guardava do pintor brasileiro. Tinha 1,81cm e uma peculiaridade: foi pintado em 1947, quando Portinari trabalhava sobre temas de denúncia da miséria e das injustiças sociais, mas sobretudo em painéis. Essa obra, porém, representava uma figura dramática e foi pintada sobre cavalete.

Auto-retrato de Alberto da Veiga Guignard (1896-1962), além de ser um dos melhores trabalhos do artista mineiro, somava-se na importância da obra o fato de ter sido doada pelo Presidente Juscelino Kubitschek, um dos grandes incentivadores do Museu, em cuja administração foi inaugurado apesar de não estar concluído. Tinha 56cm por 40.

Ovo sobre o prato sem o prato, obra surrealista, como o nome sugere, do pintor espanhol Salvador Dalí (1904). Tinha 46cm por 46cm e havia sido doado pelo Embaixador Hugo Goulart. Foi pintado em 1932 e era considerado uma das boas obras do período. O ovo, sem o prato, repousava, estrelado, sobre um grande pata mar e, num canto da tela, um relógio se diluía pela borda como se fosse uma clara.

Perderam-se dois quadros do pintor catalão Juan Miró (1893), que ao lado de Marc Chagall é um dos últimos grandes pintores do início do século em vida. Um, **Personagem numa Paisagem**, tinha 36cm por 29 e mostrava um pássaro no meio de uma paisagem onde nenhuma das figuras adquiria contornos nítidos. O outro era uma composição e tinha 36cm por 29.

Tintawa e Stoltz, dois pequenos trabalhos do pintor suíço Paul Klee (1879/1940) estão certamente entre as maiores perdas do incêndio. O primeiro tinha 29 cm por 17, com formas geométricas avariadas por uma aparência infantil. O segundo tinha 32 cm por 52, mas era considerado inferior ao primeiro. Há poucos anos, quando passou pelo Brasil uma exposição de Klee, o Sr Werner Schmallenbach, diretor do museu de Dusseldorf, onde está boa parte do acervo do pintor, considerou esses dois trabalhos fundamentais para o entendimento do conjunto da obra do artista.

A Floresta, do surrealista alemão Max Ernst, (1891/1976), era um dos melhores quadros do MAM. Tinha 1m por 81 cm, fora pintado em 1927 e representava uma impenetrável floresta sombria, cujos contornos eram percebidos por um tênue clarão de lua. Foi comprado em 1956 em Paris, quando o pintor vivia nos Estados Unidos. Queimou-se também outro quadro de Max Ernst, intitulado **O Canto do Pássaro**. Ernst tinha medo de pássaros.

Estranho, de Manabu Mabe (1924), foi um dos quadros do artista nipônico perdido no incêndio. Tinha 1m50 por 1m85. Foi doado pelo artista em 1951 e mostra a sua passagem para a fase abstracionista.

A explicação do pintor francês René Magritte (1898-1967) era uma cenoura iluminada numa das pontas. Tinha 46 cm por 38. Foi pintado em 1951 e comprado pelo MAM em 1952.

Perderam-se quatro **Composições** de Fernand Leger (1881-1955), mestre do cubismo francês. As obras foram pintadas entre 1925 e 38. Apesar de serem guaches, davam uma idéia da concepção primitiva e mecanicista da obra do pintor. Havia sido doados por Nelson Rockefeller, Oscar Niemeyer e pelo Embaixador Jostias Carneiro Leão.

O maior desastre da Arte moderna

O incêndio do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro é um desastre sem precedentes na história das grandes coleções de artes plásticas e o maior já ocorrido no mundo desde 1966, quando uma enchente do rio Arno destruiu centenas de obras em Florença sem, contudo, atingir de forma tão devastadora as peças de uma só das coleções. Desde 1941, quando ardeu um museu em Bogotá, não se registra um caso de grande incêndio de acervo de obras de arte.

Num cálculo superficial pode-se estimar o prejuízo da perda das 950 peças com uma cifra mínima de 10 milhões de dólares e máxima de 15 milhões. Além de superar o seguro, esse prejuízo é, também, algo nunca visto no próprio mercado internacional de seguros de obras de arte.

O cálculo

Para se calcular o prejuízo do incêndio do museu, antes que sejam fornecidos detalhes mais precisos da avaliação real das obras, estima-se que as 950 peças possam ser divididas em três grupos. No primeiro, estariam 50 obras, que poderiam ter um valor médio de 100 mil dólares (dois milhões de cruzeiros) cada uma. Esse seria o caso de cada um dos quatro casos de Fernand Leger. Incluiria as telas de Juan Miró e Diego Rivera, certamente cotadas acima de 100 mil dólares.

Só a perda desse primeiro bloco de 50 trabalhos permite a avaliação de um prejuízo de cinco milhões de

dólares (100 milhões de cruzeiros). Nesse grupo não estão incluídos os dois quadros de Pablo Picasso, que valem cerca de três milhões de dólares.

Numa segunda categoria, dentro de um cálculo sempre superficial, incluem-se 400 obras com valor médio de 10 mil dólares. Elas elevariam o prejuízo em mais quatro milhões de dólares. Nesse grupo podem ser incluídos pintores estrangeiros de cotação menor e algumas das principais obras de pintores brasileiros. É esse o caso, por exemplo, de telas como a do italiano Carlos Carrá, do russo Serge Poliakoff e do brasileiro Ismael Nery. Para a concepção desse segundo bloco estabeleceu-se uma estimativa superficial, pois haveria quadros que isoladamente valeriam mais.

Portanto, 450 das obras queimadas, sem levar em conta os dois Picasso, dão um total aproximadamente de 9 milhões de dólares. Admitindo-se que as 500 peças restantes pudessem ser avaliadas, na média, em dois mil dólares (quarenta mil cruzeiros) cada um. Nesse grupo entrariam sobretudo obras de pintores brasileiros que foram doadas ao Museu durante os últimos 20 anos. Chega-se assim a um total de um milhão de dólares, que eleva o prejuízo do acervo, sem os Picasso, a 10 milhões.

A esses 10 milhões, podem ser acrescentado o prejuízo da exposição que estava sendo mostrada, na qual apenas a obra queimada de Torres Garcia foi avaliada em Montevideu em 2,5 milhões de dólares.



Da **Cabeça**, de Ivan Serpa (1923 — 1973) de 2m por 1m 60, restou uma pequena parte de superfície intacta.

O quadro foi pintado em 1964, quando o artista teve uma fase intitulada negra. No canto da sala onde a Sra Lustosa viu os salvados do incêndio estão algumas esculturas, entre elas a conhecida escultura do rumeno Brancusi e uma tela do italiano Giacometti



Acompanhada pelo crítico Flávio de Aquino, a Sra Heloisa Lustosa conferiu as poucas obras que sobram do incêndio. No caso, estão diante de uma tela do Pintor Antonio Bandeira e sustentam as formas geométricas do quadro **Composição Abstrata**, do pintor russo Serge Poliakoff. No chão, diante do pé da Sra Lustosa, está o quadro n.º 16, do pintor americano Jackson Pollock, um dos quadros mais cobiçados do acervo do museu e certamente a mais valiosa obra que sobreviveu ao incêndio.

Queimaram-se:

Natureza Morta do italiano Giorgio Morandi, mostrava, como de hábito nos quadros do artista, garrafas e copos contra um fundo claro. Tinha 25cm por 41 e fundo amarelado.

Equilíbrio era uma obra do pintor tcheco Franz Kupka (1821-1957), um dos primeiros abstracionistas do início do século. Foi pintado entre 1925 e 27, tinha 68cm por 68 e revelava o interesse do artista em equilibrar formas geométricas e expressionistas.

Composição, de Hans Hartung (1904), abstracionista alemão que viveu na França. O quadro tinha 1,62m por 1,14m e mostrava grandes manchas negras.

Com as Mãos Atadas, do pintor antifranquista espanhol Juan Genoves. Tinha 1,81m. Desapareceu também outro trabalho de Genoves, intitulado **Personagem com Medo**.

Conceito espacial, do artista argentino Lucio Fontana (1899), conhecido sobretudo pelo fato de apresentar obras onde a tela tinha longos cortes. O trabalho desaparecido tinha essa característica, que, segundo o autor, abria, pelo rasgo, um espaço na obra. Foi doado pela Galeria Bonino, de Buenos Aires.

Panorama era uma obra de Jean Fautrier (1898-1964), um dos precursores da chamada corrente formalista da pintura francesa. Numa comparação simplista, o autor poderia ser conhecido como um Pollock francês. O quadro tinha 65 cm por 1m e foi comprado em Paris.

Retrato de Antonin Artaud, do francês Jean Dubuffet (1901), era um retrato de 54 cm por 45 cuja importância, além de vir do autor, veio também do fato de ser um retrato do teatrólogo louco que viveu na França até a década de 1950.

Dois Atrizes, do italiano Massimo Campigli (1895), artista figurativo, esteve na 1ª. Bienal de São Paulo, em 1951, quando foi comprado para o MAM. Mostrava a silhueta de duas mulheres que se olhavam.

A Relação, do surrealista romeno Vitor Brauner, (1908-1966), radicado em Paris. Tinha 88cm por 90. Seu autor é um dos mais importantes nomes do movimento surrealista.

Forma de Selva, de William Bazziotes (1912-1963), era um quadro do período de desenvolvimento do expressionismo abstrato na arte americana. Tinha 0,44 cm por 34. Foi exposto muito poucas vezes.

Obra Transformável, do pintor israelense Yaacov Agam (1928). Era uma peça de arte cinética. Pelas suas características, o quadro, devido ao relevo das formas, transformava-se à medida em que era visto de ângulos diferentes. Foi comprado em Paris em 1956, tinha 49cm por 51cm e seu autor veio, mais tarde, a ser premiado na Bienal de São Paulo.

Mexicanos, de Diego Rivera (1886-1957) era uma aquarela típica do interesse desse muralista mexicano pela gente humilde de seu povo.

Retrato de Senhora, de Emil Nolde, representava o expressionismo alemão, com violência na cor no tratamento da figura humana e da paisagem.

De Lasar Segall (1891-1957), perdeu-se uma **Natureza Morta** de 1950, da fase final e tema pouco comum no pintor que preferia a figura humana para através dela analisar questões sociais.

De Mark Rothko (1903-1970) perderam-se dois quadros: **Orange and Yellow** e uma pintura de 1947, N.º 4-A. Ambas por suas grandes dimensões davam uma perfeita idéia de como na geometria desse pintor, menos do que a forma rígida, a cor era importante.

Mãe e Filho, a melhor das três obras do muralista mexicano David Siqueiros (1896-1974) no acervo do Museu, agrupava o interesse pelas figuras comuns com o tratamento mais dramático possível.

Les Terrasses de Maria Teresa Vieira da Silva, portuguesa da escola de Paris, medindo 65cm por 1m, óleo da fase em que a paisagem se transforma numa infinidade de traços e manchas.



Mulher, de Emiliano Di Cavalcanti (1897-1976), foi pintado em 1950 e tinha 80cm por 64. Retratava uma mulata baiana, de formas bem mais senhoriais que as sensuais senhoras dos períodos seguintes do pintor.



Composição do pintor americano Robert Motherwell, tinha 60 cm por 75. Seu autor foi, junto com Jackson Pollock e Mark Rothko, um dos principais abstracionistas da pintura americana no pós-guerra.



Perdeu-se o quadro **Oceano para Pássaros** do pintor surrealista francês Yves Tanguy (1900-1955). O céu ao fundo do quadro era azul e as formas colocadas em primeiro plano tinham uma aparência viscosa. Tinha 38 cm por 46 e foi doado pelo Sr Nelson Rockefeller.



Embora tenha sido retirada intacta em suas linhas, a escultura de Constantine Brancusi **Mle Pagany**, avaliada em 1 milhão de dólares, perdeu seu valor: o fogo danificou o polimento do bronze que só o artista sabia dar, uma técnica que obtinha reflexos brilhantes do metal e uma opacidade inimitável da matéria, explicou o crítico Jaime Maurícia.

Brancusi nasceu na Romênia, em 1876, trabalhou com Rodin e ensinou escultura ao pintor Modigliani. Sua técnica de polimento provocou, em 1926, a modificação das leis alfandegárias dos Estados Unidos, onde ele expôs sua coleção. É que três anos antes as autoridades tinham alegado que a pretexto de mostrar sua arte, Brancusi ia introduzir metal polido nos Estados Unidos. A Justiça definiu, então, para a Alfandega norte-americana o que é escultura: "a matéria com belas formas".

Mle Pagany data de 1920. Veio para o Brasil em 1954, por intermédio de Mária Martins, que conhecia Brancusi e a conseguiu por um preço relativamente barato. E acabou sendo doada pelo Sr Roberto Marinho ao MAM. Com a destruição desta obra, só outro trabalho de Brancusi resta no Brasil e pertence a Dona Iolanda Penteadó.

Museu tem 30 anos de atividades

O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, fundado em 1948 por iniciativa do empresário Raymundo de Castro Maya, teve sua primeira sede provisória em 1952, num anexo do edifício do MEC, na Rua da Imprensa. A primeira exposição foi entre os pilótis do Palácio da Cultura, reunindo as obras premiadas na 1ª. Bienal de São Paulo e trabalhos de artistas brasileiros.

A partir daí, liderada pela Sra Niomar Moniz Sodré, começou a luta para se conseguir uma área, no Aterro do Flamengo, onde deveria ser construída a sede própria, definitiva. Depois de longa disputa com o Município, que pretendia cobrir de concreto o terreno, e com o clero, que queria construir a nova catedral na área onde se realizara o Congresso Eucarístico, a Câmara Municipal votou a lei que concedeu ao Museu o terreno de 40 mil metros quadrados.

O projeto do MAM é do arquiteto Afonso Eduardo Reidy (1909-1964), com a parte paisagística de Roberto Burle Marx. Ele criou um conjunto arquitetônico com três blocos: o Escola (o primeiro a ser concluído e o menos afetado pelo incêndio), o de Exposições (o maior, com 14 mil metros quadrados) e o Teatro, a ser terminado.

No Bloco Escola ficam salas de aula, atelier de pintura e de desenho, oficinas de gravura, escultura, gráfica, laboratório fotográfico, cantina e restaurante. O Bloco de Exposições tem três andares, sendo o segundo um espaço livre de 130 metros por 26. Nesse prédio, Reidy desenvolveu o que chamou de "estrutura independente", um "plano livre" apoiado em colunas.

Uma das idéias básicas do Bloco de Exposições é sua integração na paisagem e o aproveitamento da luz natural, que conferiria um sentido de vida e de movimento aos espaços. Resultado foi a estrutura de concreto aberta, fechada por vidros polarizadores (importados dos EUA, não são mais fabricados). O vão livre do segundo andar dava o máximo de flexibilidade às montagens.

O terceiro andar foi destinado ao auditório (200 lugares), filмотeca, biblioteca, administração, além do depósito do acervo. Na apresentação do projeto, o arquiteto observou: "Esse depósito onde as obras deverão ser conservadas em perfeita segurança, terá condições constantes de temperatura e umidade, ficando completamente isolado das variações atmosféricas do exterior."

A escritura definitiva da doação do terreno foi assinada em 22 de setembro de 1954, no gabinete do Prefeito Alim Pedro; a direção do MAM era formada por Niomar Moniz Sodré, Carmen Portinho, Nelson Baptista, Aloysio Salles e Paulo Bittencourt. Em 9 de dezembro, o Presidente Café Filho travou a estaca fundamental; a ata do acontecimento fazia votos para que o "Museu atinja a perfeição de sua finalidade de ser útil ao Brasil". Iniciou-se então campanha para se obter dinheiro, contribuindo grandes empresas e organização.

O Bloco Escola foi inaugurado em 1958 pelo Presidente Juscelino Kubitschek; em 1967 foi entregue o de Exposições, concluído com a ajuda do Fundo Monetário Internacional. Segundo o crítico Jayme Maurício, a construção do MAM "foi das mais bem cuidadas e executadas de que se tem notícia entre nós; cada material escolhido e selecionado com carinho". Para o especialista em museus de arte moderna Wilhelm Sandberg, "é a obra arquitetônica para museus mais bonita do mundo".